

# Tucídides

## Uma Educação Estratégica e Literária na Católica

“O que é fariam se estivessem na Assembleia em Atenas?” Na sala 122, os alunos da classe de 2011 de Geopolítica e Geoestratégia do Instituto de Estudos Políticos olharam para os mapas e para as suas edições da *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides. Uns tinham o *The Landmark Thucydides* de Robert B. Strassler à sua frente. Outros as traduções portuguesas da Fundação Calouste Gulbenkian e das Edições Sílabo. Alguns usavam a de Rex Warner da Penguin publicada em 1954. Um aluno tinha a tradução de Martin Hammond da Oxford World Classics de 2009.

O número de traduções de Tucídides é a primeira prova da importância e da actualidade da sua obra. “Está à espera que tenhamos uma opinião sobre isto?” disse-me uma aluna surpreendida. “Sim,” respondi. “Tendo em conta o que sabemos em termos geográficos, militares e políticos, o que é fariam? Qual seria a vossa opção geoestratégica?” Silêncio. Trocas de olhares entre os alunos. Mas, pouco a pouco, apareceram as primeiras opiniões. As divergências também não demoraram muito a tornar-se claras. E foi assim que as nossas primeiras conversas geoestratégicas tiveram início em Fevereiro de 2011.



POR  
**Miguel Monjardino**

Professor convidado do Instituto de Estudos Políticos, Universidade Católica Portuguesa, e colunista de política internacional do *Expresso*

Os embaixadores da Corcira tinham acabado de pedir a admissão da sua ilha na aliança liderada por Atenas. A justiça, a disponibilização da segunda maior marinha do mundo grego, a posição geográfica da Corcira e a certeza de que a guerra com Esparta estava iminente foram os argumentos invocados pelos Corcireus. Corinto tentou impedir que Atenas acei-

tasse a entrada da Corcira na sua aliança. A guerra com a aliança de Esparta não era inevitável argumentaram os seus diplomatas. Mas, se a assembleia ateniense aceitasse o pedido da Corcira, então Corinto teria de se vingar, olhar para Atenas como um inimigo e encorajar a revolta e a deserção na aliança ateniense.

O dilema estratégico de Péricles e dos atenienses era claro. Por um lado, o poder naval da Corcira e a sua posição geográfica garantiam a hegemonia marítima e comercial no oeste do Mediterrâneo, controlavam as ambições navais de Corinto e mantinham o equilíbrio de poder a nível regional. Por outro, a entrada da ilha na aliança de Atenas poderia precipitar uma guerra com Esparta e os seus aliados. A Assembleia reuniu-se duas vezes para deliberar sobre o assunto. Provavelmente

influenciados por Péricles, os atenienses optaram por uma solução inovadora – uma aliança meramente defensiva com a Corcira. O auxílio militar enviado para ilha foi pequeno – apenas dez navios. Os comandantes desta força não tinham experiência na guerra naval e as suas regras de empenhamento eram claras – evitar a batalha contra os Coríntios e a quebra do tratado de paz com Esparta. A aliança defensiva foi um instrumento para Atenas conseguir manter a sua superioridade naval e o seu império comercial, dissuadir Corinto e não alarmar Esparta em relação às suas intenções. O primeiro dia de Geopolítica e Geoestratégia gira à volta de mapas muito antigos, de opções e dilemas estratégicos, de retórica diplomática e de conceitos como “hegemonia,” “poder naval,” “aliança,” “dissuasão,” “coerção” e “regras de empenhamento.” Estes conceitos continuam a ser essenciais na política internacional.

No final de um curso de Ciência Política e Relações Internacionais todos os alunos ouviram falar de Tucídides. Passagens como “O pretexto mais próximo da verdade e que não tem sido visível no que se tem dito é que o avanço a que os Atenienses tinham chegado lhes conferia muito poder, o que causou medo aos Lacedemónios e os obrigou a declarar a guerra,” “De facto nada há de extraordinário nem contrário a natureza humana em fazermos o que fizemos, ao conservarmos um império que nos era oferecido e recusarmos-nos a abandoná-lo, subme-

tidos que estávamos a motivos de enorme peso, como a honra, o receio e o interesse” e “esperamos que em vez disso analiséis o que é praticável, dentro do realismo que anima o pensamento de cada um de nós, pois sabeis como nós sabemos, que o que é justo na vida humana só é avaliado em circunstâncias equivalentes, e que os mais fortes fazem o que podem, enquanto os mais fracos fazem o que devem,” continuam a ser centrais e controversas em qualquer cadeira de Teoria das Relações Internacionais.<sup>1</sup>

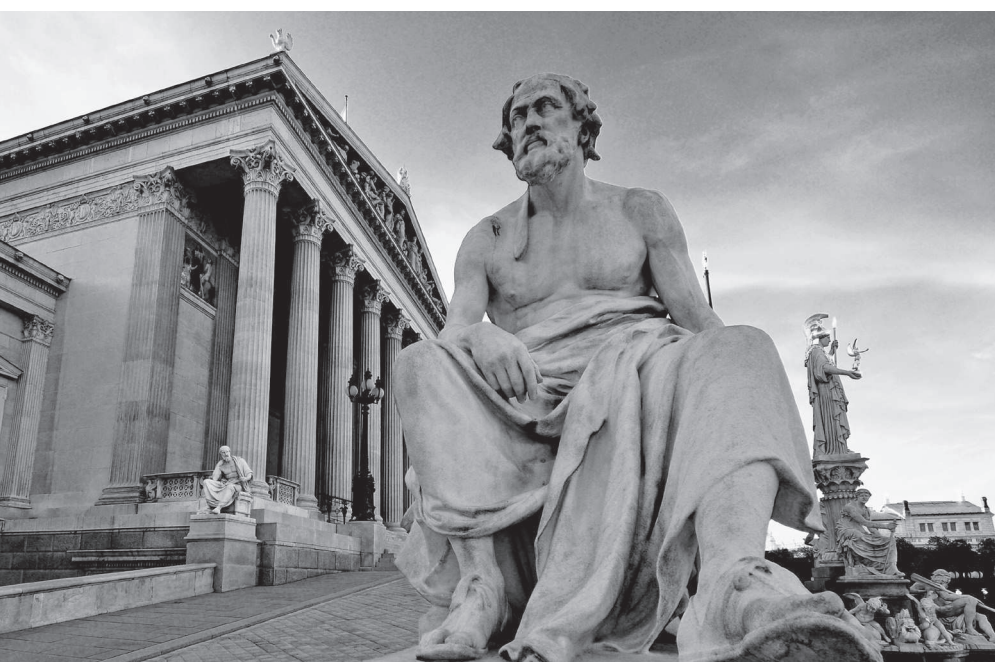
Suspeito que Tucídides ficaria surpreendido com a tentação irresistível de muitos cientistas políticos de usar apenas alguns parágrafos da *História da Guerra do Peloponeso* para explicar o funcionamento da ordem internacional. Acho que o historiador ateniense tinha um objectivo diferente e bastante mais amplo para a sua obra. “Pode parecer menos agradável faltar o fabuloso na minha leitura,” escreve ele numa crítica clara a Heródoto. “Mas todos os que quiserem ver com clareza o que aconteceu e que virá de novo a acontecer nalguma outra vez, em conformidade com o que é humano, seja de

igual forma ou de forma parecida, se a julgarem útil, já isso me é suficiente. O que escrevi não foi concebido para ganhar prémios ao ser ouvido de momento, mas como um legado para todo o sempre.” Tucídides, um homem muito experiente a nível político e militar, ambicionou escrever uma obra-prima da estratégia, do pensamento político e da literatura. É esta tripla qualidade que acaba por prender os decisores políticos, os militares, os académicos e os alunos à sua obra dois mil e quatrocentos anos depois de ter sido escrita. E é por isso que *A História da Guerra do Peloponeso* é central na cadeira de Geopolítica e Geoestratégia no Instituto de Estudos Políticos.

Tudo o que é verdadeiramente importante para os decisores políticos, os líderes militares e as pessoas que apreciam a sua liberdade está nas páginas que Tucídides escreveu sobre a ascensão e queda estratégica da democracia imperial de Atenas. Como todos os textos clássicos, a sua obra tem sido lida de maneiras diferentes ao longo das últimas décadas. Durante a Guerra Fria, as atenções centraram-se na tensão entre a democracia ateniense



**Tucídides, um homem muito experiente a nível político e militar, ambicionou escrever uma obra-prima da estratégia, do pensamento político e da literatura**



e a oligarquia espartana. A intervenção dos EUA na guerra do Vietname chamou a atenção para a expedição à Sicília. Em 2003-2004, no auge das divergências euro-atlânticas sobre o Iraque, alguns diplomatas europeus queixaram-se que a administração norte-americana os tratava como os Mélios. No Verão de 2008, a Rússia invadiu a Geórgia. Tbilissi foi comparada a Melos. “Aparentemente, George W. Bush não lê o seu Tucídides há algum tempo,” notou Rajan Menon.<sup>2</sup> Hoje em dia, *A História da Guerra do Peloponeso* é lida atentamente sobretudo por causa da competição estratégica entre a China e os EUA no Pacífico. “A questão essencial sobre a ordem global nas próximas décadas será: conseguirão a China e os EUA escapar à armadilha de Tucídides?” escreveu Graham Allison da Universidade de Harvard recentemente no *Financial*

*Times*.<sup>3</sup> A violência da guerra civil na Síria lembra-nos o processo interno que levou à destruição da Corcira em 425 AC.

Cinco temas marcaram a educação da Classe de 2011. O primeiro foram as opções geoestratégicas de Atenas e Esparta. “Concordo com a opção de Péricles,” disse um aluno. “É a que defende melhor o império, o comércio e aquilo que Atenas era.” Um outro aluno discordou. “Péricles era uma pessoa de enorme nobreza mas acho que a sua estratégia defensiva não era compatível com a democracia ateniense. O populismo e a demagogia eram um grande problema.” A geografia, os recursos militares existentes e a avaliação de Péricles levaram-no a escolher uma estratégia de exaustão. O seu principal objectivo não era ganhar mas sim convencer Esparta de que não poderia ganhar uma guerra contra Atenas e todo seu poder naval. Mas, numa cidade imperial, rica e confiante no seu excepcionalismo político e educada a ouvir a *Ilíada* e a olhar para Aquiles como o exemplo do que era um guerreiro, esta estratégia anti-heróica revelou-se extremamente controversa do ponto de vista social. A geografia e o poder da sua formidável infantaria profissional levaram Esparta a adoptar uma estratégia continental completamente diferente da ateniense. O que interessava aos espartanos era a vitória decisiva, a destruição total ou a rendição do seu inimigo. Nenhuma das duas estratégias produziu os resultados esperados mas é crucial percebermos como é que foram concebidas e executadas.

A liderança foi o segundo tema. Tucídides acreditava que os líderes eram fundamentais e escreveu muito sobre este tema. *A História da Guerra do Peloponeso* é a defesa de Péricles e uma crítica feroz aos seus sucessores. “Na verdade,” escreveu o historiador ateniense, “enquanto em tempo de paz [Péricles] esteve à frente dos negócios da cidade, desempenhou o cargo com moderação, manteve a cidade em segurança e durante esse tempo, Atenas atingiu o auge da sua grandeza, e quando a guerra começou, parece que fez o prognóstico correcto do seu poder.” Os alunos da Classe de 2011 concordaram.

“Péricles mostrou-me o que é a liderança política,” avançou um aluno. “Não gosto de Cléon nem de Alcibíades. O primeiro é faccioso, calculista e ambicioso. É o maior demagogo em Atenas. Não gosto

de Alcibíades por causa da sua incoerência e desonestidade.” A estratégia de Péricles pode ser discutível mas a sua capacidade de liderança é simplesmente notável. Brásidas, provavelmente o melhor oficial de infantaria na história de Esparta, e a sua campanha na Trácia também impressionaram a Classe de 2011. “Ele decide tão bem sob grande pressão,” disse-me uma aluna espantada com a coragem física, a audácia, a capacidade de decisão e a retórica do general espartano. “Parece que a pressão aumenta ainda mais a lucidez dele,” concluiu outra aluna.



A unanimidade desapareceu quando lemos e conversámos sobre a liderança de Nícias na Sicília. “Impressionou-me muito favoravelmente,” argumentou uma aluna. “Acho que foi injustiçado. Ele não era uma pessoa fraca nem indecisa.” Um aluno discordou. “Acho que ele foi um mau comandante. Demóstenes era muito melhor. Arriscou quando chegou a Siracusa e pensou sempre nos seus soldados. Gosto dele. Não tinha medo e não perdia tempo.” “Não,” respondeu outro aluno. “Nícias não é escravo do medo. É uma pessoa virtuosa.”

Na democracia ateniense, todas as decisões importantes eram tomadas depois de a Assembleia ter deliberado. A estratégia não era escolhida e executada em segredo. Era pública. “Mas agora,” disse Péricles no seu último discurso, “vou chamar a vossa atenção para uma coisa que me parece que nunca compreendesdes e de que eu não falei em discursos pré-

vios: o princípio para vós da grandeza do vosso império. Na realidade, vós pensais que tendes poder somente sobre os aliados, mas eu declaro que das duas partes que o homem pode explorar, a terra e o mar, vós sois senhores supremos duma parte completa, tal como agora a ocupais e também mais território de assim o desejardes, e não há ninguém, nem o Grande Rei, nem qualquer outro povo que existe nos tempos presentes que se vos oponha quando navegais com a forças que possuis.” Como os generais de Atenas lembraram aos líderes de Melos, os atenienses

eram “senhores dos mares.” Por isso mesmo, era preciso convencer as pessoas. Como Tucídides mostra, a retórica política era crucial num debate estratégico. Este foi o nosso terceiro tema.

Péricles usou a retórica para moderar Atenas do ponto de vista geoestratégico. Alcibíades fez exactamente o oposto. Usou-a de forma brilhante para seduzir e convencer a sua cidade a abraçar uma estratégia imperial ambiciosa e expansionista no mar e em terra que permitisse aniquilar Esparta rapidamente. “Vale a pena ler o livro de Tucídides só por causa de Alcibíades,” disse-me um aluno. “Ele mostra-nos o poder da demagogia, da ambição e da vaidade.” “Incomoda-me muito a ‘lata’ dele e a traição da sua cidade,” lamentou uma aluna. A seguir veio uma pausa. E depois veio um veredicto severo. “Acho que ele devia ter sido morto imediatamente.” “A Sicília,” avançou outro aluno, “é o episódio que melhor

mostra a debilidade da democracia ateniense. O que vence não é a racionalidade nem a prudência de Nícias mas sim a oratória de Alcibíades – o somos capazes e vamos ganhar.” Em Esparta, as coisas não foram muito diferentes. A argumentação do Rei Arquidamo ainda hoje é lida como um modelo do que deve ser uma avaliação estratégica prudente, rigorosa e realista de uma comunidade política que quer preservar o seu modo de vida. A maioria dos espartanos, todavia, concordou com os argumentos do éforo Estenelaidas a favor da guerra.



**“Vale a pena ler o livro de Tucídides só por causa de Alcibíades,” disse-me um aluno. “Ele mostra-nos o poder da demagogia, da ambição e da vaidade.” “Incomoda-me muito a ‘lata’ dele e a traição da sua cidade,” lamentou uma aluna**

A surpresa faz parte da estratégia. Péricles planeou a estratégia ateniense com cuidado. A posição geográfica de Atenas, o seu poder marítimo e comercial e os seus recursos financeiros deram-lhe confiança em relação à superioridade da sua cidade contra um adversário como Esparta. A vitória exigia paciência e algum desprezo em relação aos inimigos. Como o líder ateniense explicou na Assembleia, o “desprezo é privilégio daquele que confia na sua capacidade de raciocínio para dominar os adversários, como é o nosso caso.” Ou seja, a guerra podia ser controlada, gerida e ganha pela razão. A extraordinária capacidade de liderança de Péricles

persuadiu a cidade e o seu império.

Mas apenas um ano depois do início das hostilidades, uma epidemia de peste dizimou e causou imenso sofrimento em Atenas. Cerca de um terço da população morreu. A doença foi uma das consequências da estratégia defensiva adoptada por Péricles. O líder ateniense foi completamente surpreendido pelos acontecimentos, perdeu a confiança de Atenas e acabou por ser vítima da epidemia em 429 AC. Tucídides também foi contagiado mas sobreviveu. A sua descrição dos sintomas e dos efeitos da peste nas pessoas, nas instituições e nas tradições de Atenas é detalhada e memorável.

A doença acabou por fortalecer politicamente os partidários de uma estratégia muito mais ofensiva. A sorte veio inicialmente em auxílio dos partidários desta opção geoestratégica. Uma tempestade e a capacidade de avaliação e de decisão de Demóstenes levaram a marinha ateniense a desembarcar e a fortificar Pilos na rectaguarda espartana no Verão de 425 AC. A derrota e a rendição dos duzentos e noventa e dois sobreviventes da infantaria espartana a Demóstenes e Cléon chocou todo o mundo helénico. “De todos os acontecimentos da guerra nenhum foi para os Helenos mais difícil de compreender do que este,” nota Tucídides, “pois pensavam que nem fome nem qualquer outra necessidade forçava os Lacedemónios a entregarem as armas, mas sim que eles as conservavam lutando sempre enquanto podiam, até morrer.” A surpresa de Pilos fortaleceu a ilusão daqueles que em Atenas achavam que a cidade podia agir em terra e no mar simultaneamente contra Esparta e os seus aliados. Os resultados desta estratégia foram muito maus. “A expedição à Sicília mudou completamente a guerra para Atenas,” concluiu um aluno numa das nossas conversas sobre o papel da surpresa no planeamento estratégico. “Alcibíades levou Atenas para a morgue!”

A guerra envolve sempre o uso da violência armada. A Classe de 2011 começou a ler Tucídides com a ideia de que o poder naval de Atenas e o poder terrestre de Esparta podiam ser usados de uma forma racional. Péricles e Arquidamo reforçaram esta percepção de que a guerra pode ser controlada por líderes políticos inteligentes e moderados. Mas, como o historiador e guerreiro ateniense mostra, a barbárie andou sempre de mãos dadas

com a guerra. À medida que as páginas e os livros da *História da Guerra do Peloponeso* foram avançando, o nível da brutalidade contra os soldados e as populações civis aumentou. Melos é o exemplo mais conhecido. Mesmo assim, Micalesso horrorizou os alunos da Classe de 2011.

Um grupo de mil e trezentos mercenários trácios de regresso a casa no Verão de 413 AC por falta de capacidade financeira de Atenas para pagar os seus serviços militares atacou a pequena povoação na Beócia ao nascer do dia. O papel do oficial ateniense Diitrefes neste ataque é ambíguo. Que ordens é que ele deu naquela madrugada? Participou no ataque? Não sabemos. Mas a ferocidade da operação é descrita vividamente por Tucídides – “saquearam as casas e os templos, assim como matavam as pessoas, não poupando nem velhos nem novos, mas matando todos de enfiada, onde quer que os encontrassem, matando até crianças e mulheres e mesmo bestas de carga e todos os seres viventes que porventura vissem ... e quando caíram sobre uma escola de crianças, que era a mais importante que ali havia e na qual as crianças há pouco tinham entrado, fizeram-nas todas em pedaços.” Nenhum ser vivo escapou naquela manhã.

“Mas porquê?” perguntou-me uma aluna comovida. “Qual é o objectivo aqui?” Relemos o que Tucídides escreve sobre os Trácios – “São iguais ao que de mais bárbaro e é [a raça] mais assassina que há, quando nada tem a temer.” O historiador ateniense conhecia muito bem a Trácia e a sua população. Mas também achava que a guerra tinha regras. A morte de mulheres e crianças é claramente inaceitável para ele. A destruição total de Micalesso é descrita como “uma calamidade ... inesperada e terrível.” O seu choque e tristeza são claros. “Não estava a perceber que se calhar não havia aqui um motivo estratégico,” comentou uma aluna desolada. “Quando percebi, chocou-me ainda mais. Esta passagem é terrível!” É verdade. Sobretudo por nos lembrar que a guerra gera sempre forças que oscilam entre o incompreensível e incontrollável.

Ao longo da Primavera lemos e conversámos muito sobre a dificuldade de Atenas e Esparta conceberem e executarem estratégias que complementassem as suas deficiências ao nível terrestre e naval. Os contrangimentos impostos

pela geografia, a logística e a capacidade financeira tornaram-se óbvios para todos nós na sala 122. O poder do império persa cresceu. Em Atenas os erros geoestratégicos sucederam-se. A Classe de 2011 leu, reflectiu e escreveu quatro ensaios sobre temas políticos e militares. Quando chegámos a Abril, notei que a relação dos alunos com *A História da Guerra do Peloponeso* tinha mudado.

Não é fácil começar a ler Tucídides. O texto é muito antigo. Os nomes sucedem-se. A compreensão do texto exige muitos conhecimentos geográficos. Há imensos discursos. A descrição das batalhas é minuciosa. O livro é grande. Mesmo assim, a partir de certa altura, o silêncio e a concentração passaram a dominar a leitura de muitas páginas na sala 122. Quando chegámos à chacina final das tropas atenienses no rio Assínaro, na Sicília, os alunos estavam rendidos ao poder quase hipnótico das linhas de Tucídides.

*Mas logo que se precipitaram sobre o rio, ninguém mais obedeceu a qualquer ordem, e cada um atravessou para onde primeiramente lhe deu na cabeça, e os inimigos atacaram-nos e dificultaram-lhes a passagem. Foram então obrigados a juntar-se a embaterem uns contra os outros, e alguns foram rapidamente mortos, trespassados pelas próprias lanças e outras armas, sendo outros arrastados pela corrente. Na outra margem do rio esperavam os Siracusanos, era a margem íngreme, e lá de cima alvejavam os Atenienses, pois muitos estavam a beber com grande avidez e agrupados desordenadamente no leito côncavo do rio. Então os Peloponésios desceram sobre eles e chacinaram-nos dentro do rio. Imediatamente a água ficou suja, mas nem por isso se deixou de beber suja de sangue e de lama, enquanto entre muitos de travava a luta.*

“Acho que nunca vou esquecer isto,” disse uma aluna. “Não consegui deixar de ler até ao fim,” confessou outra. “Até parecia que estávamos lá,” disseram outros “É horrível,” defendeu um aluno. “Mas a maneira como ele escreve isto é brilhante, espectacular.” “Tive imensa pena que Atenas não tivesse ganho a guerra!” lamentou um aluno. Este sentimento foi partilhado por praticamente toda a gente.

Tucídides é normalmente visto como um homem frio, objectivo e distante

pouco interessado em emoções. Como explicar então esta reacção dos alunos? De onde veio então aquele sentimento de pena? Regressámos à Oração Fúnebre de Péricles, um dos grandes discursos políticos da história, para compreendermos um pouco melhor as intenções do autor da *História da Guerra do Peloponeso*.<sup>4</sup> “E vós,” disse o líder ateniense perto do final do seu elogio aos soldados mortos em 431 AC, “que seguistes o seu exemplo, e decidistes que felicidade é liberdade e liberdade é coragem, não hesiteis perante os perigos da guerra.” A certeza de que “a nossa cidade serve de exemplo a toda a Hélade” e o optimismo estratégico ateniense foram completamente destruídos em Siracusa. Como Tucídides escreve, “[f]oi este o maior feito helénico levado a cabo nesta guerra ... ao mesmo tempo o mais brilhante para os vencedores e o mais desastroso para os derrotados.” Sob este ponto de vista, o que este membro da elite ateniense escreveu não foi apenas um grande livro de história, de pensamento político e de estratégia mas também a tragédia de Atenas, uma cidade extraordinária que não foi capaz de compreender os seus limites e equilibrar a sua democracia interna com a ambição imperial.<sup>5</sup> Tal como a guerra, *A História da Guerra do Peloponeso* tem muitas faces. Uma delas é ser uma obra-prima da literatura.

Geopolítica e Geoestratégica é uma cadeira exigente. Lê-se imenso. É preciso saber ou aprender muita geografia e conceitos militares. As discussões nas aulas são por vezes intensas. É preciso arranjar tempo para pensar e escrever quatro ensaios. A oral é obrigatória e percorre todos os temas da cadeira. A mais curta da Classe de 2011 durou vinte e cinco minutos. A mais longa, uma hora e seis mi-

nutos. O primeiro objectivo da cadeira é fornecer aos finalistas de Ciência Política e Relações Internacionais do Instituto de Estudos Políticos os conceitos básicos de Geopolítica e Geoestratégia. Tucídides é um grande guia. A Corcira lembra-nos a importância da posição geográfica em todo o processo de decisão estratégico. Nada mudou neste capítulo desde o Verão de 432 AC. “Quanto mais analisavam a situação do Afeganistão, mais difícil lhes parecia,” escreve Bob Woodward a propósito das opções de George W. Bush e dos seus conselheiros poucos de dias depois do 11 de Setembro.

*A oeste ficava o Irão, a norte três antigas repúblicas soviéticas e a China, e a este e a sul o Paquistão. O curso de água acessível mais próximo era o oceano Índico, que ficava a mais de quatrocentos quilómetros. Não tinham nenhum aliado forte nas imediações; não tinham relações diplomáticas com o Irão. Por isso, voltaram-se para os pequenos países do golfo Pérsico – o Bahrein, os Emirados Árabes Unidos e Omã – na esperança de que eles lhes concedessem territórios a partir dos quais pudessem lançar bombardeamentos e outras acções militares ofensivas.<sup>6</sup>*

A geografia é um dos principais constrangimentos de todos os decisores políticos e dos militares. Começamos por aqui na cadeira de Geopolítica e Geoestratégia. Há, todavia, um outro objectivo. *A História da Guerra do Peloponeso* é um dos livros indispensáveis na educação cívica de uma república liberal democrática. Despedi-me da Classe de 2011 reconfortado por saber que algures nas suas bibliotecas está um exemplar de Tucídides bastante sublinhado e cheio de anotações. ■

## NOTAS

<sup>1</sup> A edição usada neste ensaio foi Tucídides, *História da Guerra do Peloponeso*, tradução de Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwehr (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010).

<sup>2</sup> Rajan Menon, “The grim realities of power,” *International Herald Tribune*, 13 Agosto 2013.

<sup>3</sup> Graham Allison, “Thucydides’s trap has been sprung in the Pacific,” *Financial Times*, 22 de Agosto de 2012, p 7.

<sup>4</sup> Charles Hill, *Grand Strategies. Literature, Statecraft, and World Order* (New Haven and London: Yale University Press, 2010), p. 24.

<sup>5</sup> Richard Ned Lebow, *The Tragic Vision of Politics. Ethics, Interests and Order* (Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2003), pp. 14-25.

<sup>6</sup> Bob Woodward, *Bush em Guerra*, tradução de Fernanda O’Brien et al (Lisboa: Gradiva, 2002), p. 128.